

## REENCONTROS NA REDE: COM DIVERSAS PESSOAS E COMIGO MESMA

Edith Hedwig Lotufo  
PPGAV/FAV/UFG

ISSN 2316-6479

### Resumo

O presente texto pretende relatar reflexões e situações num determinado momento do processo de pesquisa baseado em memórias e arquivos. Pesquisa qualitativa sob a ótica da Cultura Visual implica em formas de investigação diferenciadas, onde imagens adquirem um papel importante de mediação no espaço e no tempo. Aproximações feitas da autora com uma “comunidade” numa rede social foram se transformando em experiências e elementos de pesquisa surpreendentes, retomando antigas relações de quando morava em Porto Nacional, (TO) e participava de um trabalho comunitário.

**Palavras chave:** arquivo e memória, arte-educação, redes sociais, comunidades virtuais.

### Abstract

This paper intends to report thoughts and situations in a given time of the research process based on memories and files. Qualitative research from the perspective of Visual Culture implies differentiated forms of research, where images acquire an important mediating role in space and time. Approximations made by the author with a “community” in a social network were turning into amazing experiences and elements of research, resuming old relationships while living in Porto Nacional (TO) and participated in community work.

**Keywords:** file and memory, art education, social networking, virtual communities.

### Introdução

Este texto é um retrato momentâneo, um recorte, dentro do processo de pesquisa no qual estou mergulhada. Minha investigação tem por objeto recontar a história da ASSOCIARA-Associação dos Artesãos e Artífices de Porto Nacional (TO) criada 1979, a partir de hoje e das reflexões fundamentadas pela minha aproximação com a cultura visual. Essa organização cultural popular nasceu em decorrência do trabalho realizado pela COMSAÚDE-Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação desde 1969. Recém-formados em desenho industrial e arte-educação eu e o designer Marcos Lotufo, fizemos parte dessa trajetória e participamos da equipe técnica da COMSAÚDE entre 1975 e 1985, tendo nos mudado de Kassel na Alemanha para Porto Nacional, no então Norte Goiano.

## Reencontros na rede

Nas investigações da minha pesquisa me movimento constantemente entre passado e presente; minhas memórias e arquivos em forma de textos e imagens, as leituras atuais e reencontros pessoais. Relendo textos antigos escritos por mim, revendo fotografias e recortes de artigos publicados nos jornais da época encontro referências que reforçam minhas lembranças, mas também outras que as contradizem. Há escritos que ajudam a contextualizar ações e reflexões em diferentes circunstâncias, aparentemente perdidos ao longo dos anos, achatados em resumos das experiências vividas, muito mais cheias de detalhes descritos em cartas e relatórios naquela época, do que eu contaria hoje quando me refiro àquele tempo.

Vejo muita semelhança entre meu processo de pesquisa e as observações de Martins e Tourinho (2009), quando dizem:

...como fragmentos da vida, imagens e objetos visuais são registros de momentos que emergem e se esvaem na névoa do tempo (que) nos levam a encontros e desencontros com culturas, modos de ser, (de ver), desejos, ideologias, crenças e sonhos que nos induzem a pensa-los como territórios descentrados, como arenas povoadas por regimes de representação onde significados são negociados, invisibilizados, neutralizados e, principalmente disputados (MARTINS; TOURINHO, 2009, p.66)

Defronto-me, não só na pesquisa, mas em muitas circunstâncias da minha vida com diferentes culturas, uma vez que sou alemã e vivo no Brasil num “contexto de empréstimo” (FREIRE, 2011), lido com diferentes espaços, que envolvem meu domicílio em Goiânia e os lugares que visito com certa frequência por ter neles laços familiares e de amizade. Ainda me relaciono com tempos distintos, lendo textos antigos e autores atuais, tendo uma atuação profissional enquanto professora universitária hoje e refletindo sobre atuações no passado.

Tento tirar proveito das tecnologias contemporâneas enquanto ferramentas para dialogar com meus alunos, amigos e familiares, compartilhando imagens e experiências na rede social, usando atualmente o facebook como forma de interação.

Mesmo vendo o alcance e as possibilidades que as redes sociais trazem em termos de comunicação de forma crítica, tenho usado esse espaço virtual para compartilhar fotografias, expressar opiniões e indicar links que me parecem interessantes.

Vou relatar um exemplo a seguir, para depois refletir as dinâmicas envolvidas nos meus processos de interação nas redes sociais.

Foi criada uma “comunidade” no facebook com o nome “Porto Nacional somos nós” pelo médico, professor, músico e poeta Raimundo Célio Pedreira, filho de família tradicional da cidade. Ele me convidou para fazer parte do grupo e compartilhamos interesses comuns nesta página há algum tempo. Aproximei-me deste contexto meio ao acaso, quase como uma diversão misturada com curiosidade e não relacionei essa interação com uma possível pesquisa “séria”.

O referido grupo tem mais de três mil integrantes e alguns de seus membros postam fotos diariamente. Imaginava conhecer poucas pessoas dessa “comunidade”, já que se passaram quase trinta anos da nossa mudança para Goiânia. Recentemente venho reconhecendo diversas pessoas do nosso convívio daquele tempo, pelos compartilhamentos feitos através de fotografias e comentários.

Na medida em que percebi quem faz parte desse grupo, deparei com minhas ideias dicotômicas antigas, que dividia a população de Porto Nacional em centro e periferia. Imaginava que esse grupo fosse de filhos das famílias tradicionais, moradores do centro, e que pessoas dos bairros vistos por mim como periferia não tivessem acesso a ele.

Tive que rever esses meus conceitos recentemente quando publiquei uma fotografia no perfil do grupo. Ela retrata um momento do aniversário de dez anos da COMSAÚDE, tendo sido tirada em 1979, portanto há trinta e cinco anos. Algumas reações das pessoas diante da imagem me surpreenderam por diversos motivos.



Figura 1 - Fotografia: Marcos Lotufo.

Minha postagem da foto acima, feita em 22.3.2014, foi acompanhada do seguinte texto:

Minha pesquisa está trazendo um monte de surpresas. O Marcos mandou digitalizar parte dos negativos do nosso arquivo, fotos que eu não imaginava que existissem. Ele sempre fotografou muito e como não

era possível ampliar todas as fotos, os filmes ficaram guardados esses anos todos. Essa é uma foto de uma Reunião de Lideranças, como chamávamos esse encontro de pessoas dos centros comunitários e da associação dos artesãos, na chácara das irmãs, mais ou menos em 1977. Dra.Heloisa e Dr.Eduardo novinhos. (FACEBOOK, 2014)

Em menos de dez dias a imagem recebeu mais de cem “curtidas” e quinze pessoas compartilharam a foto, o que supera em muito o que eu já havia observado como reação a imagens postadas naquele grupo.

Quando publiquei a foto nem imaginava que poderia vir a usá-la no contexto que a coloco aqui. Olhando esses encontros virtuais como um instrumento de pesquisa, por mais experimental que seja, vejo-me diante de diversas questões que surgiram a partir dos comentários, que reproduzo a seguir:

- 1.R.C. P. D.M....
- 2.Edith Lotufo *No colo da Dona Maria nosso filho André.*
- 3.R.C.P. *Estão aí meus mestres!*
- 4.J.S.C. *Bolacha Mabel sempre existente hahaha*
- 5.M. D.S.B. *Estavam bem jovens nessa época, meus amigos Eduardo e Heloísa Manzano.*
- 6.R.B. *Olha aí J.M.!! Muito legal!*
- 7.M.A.P.A. *Médicos de grande bravura.*
- 8.R.V.M. **VALE OURO ESTA FOTO**
- 9.R.V.M **DRA HELOISA Q LINDA**
- 10.M.M.N. *Eram lindos, novinhos! Hoje belos, maduros!*
- 11.G.M. *Que linda Dra. Heloísa..*
- 12.E.R.D.S. *todos os dias mais uma surpresa...*
- 13.T.B. *Esse garoto ao fundo atrás do Dr. Eduardo é o R., filho da M., da família do Siqueira Campos*
- 14.A.D.C.C. *Ai, ai... lembrei de uma história com a Dra. Heloisa e R. C. Depois eu conto... hilária!*
- 15.M.A. *Eu tiro o chapéu pra esses dois, pois uma vida inteira de dedicação aos mais carentes.*
- 16.W.M. **MEU DEUS! FOTOGRAFIA DE MINHA MÃE, ELA ERA FREQUENTADORA ASSISUA DESSAS REUNIÕES DOS CENTROS COMUNITÁRIOS QUE ACONTECIAM NA CHACARA DAS IRMÃS, NÃO SEI QUEM É O GAROTO QUE ELA ESTA SEGURANDO, ACHO QUE ERA O FILHO DE EDITH E DO MARCOS, NOSSA ! QUE RARIDADE, ELA AINDA MAGRINHA, HOJE ELA SE ENCONTRA AO LADO DE DEUS.**
- 17.W.M. **MINHA MAEZINHA M.M.S.C., QUE LINDA!**
- 18.W.M. **PENA, QUE VC EDITH NEM SEQUER MENCIONA O NOME DELA NOS SEUS COMENTÁRIOS, LEMBRE-SE QUE ELA FOI UM DOS BRAÇOS FORTES DA BELA UNIÃO, LEMBRA? ELA E MINHA TIA NEVINHA, QUE COM MUITO ESFORÇO CONSEGUIRAM O LOTE QUE HOJE NÃO SEI NEM O QUE FUNCIONA LÁ**
- 19.L.M. *Dra Heloisa belíssima !!!*
- 20.Edith Lotufo *Falei de sua mãe, W.M., com nosso filho André no colo dela. Você tem razão, ela e sua tia a M.N. foram grandes lideranças do Jardim Brasília e da Bela União! Com minha pesquisa pretendo prestar uma homenagem a estas pessoas talentosas e batalhadoras. Estou apenas no começo de trabalho de arquivo.*

- 21.W.M. *MUITO OBRIGADO PELO RECONHECIMENTO, POIS ELAS MERECEM, ELAS E TANTAS OUTRAS QUE JUNTAS FIZERAM UM LINDO TRABALHO NOS TRABALHOS COMUNITÁRIOS, DAQUELA ÉPOCA.*
- 22.W.M. *EDITH SE VC TIVER MAIS FOTOS DAS REUNÕES DAQUELA ÉPOCA NA CHACARA DAS IRMÃS DIVULGUE,POIS MUITAS PESSOAS IRÃO GOSTAR DE RELEMBRAR.*
- 23.Edith Lotufo *Temos muito mais fotos, W.M. e estou pensando em postar elas num blog. Depois que eu tiver organizado isso coloco o link neste grupo. Levantar essa história com mais de 30 anos por enquanto está dando muito trabalho, depois publico os resultados.*
- 24.W.M. *FIGAREI AGUARDANDO ESSE BELÍSSIMO TRABALHO FICAR PRONTO EDITH E TENHO CERTEZA QUE MUITAS PESSOAS IRÃO GOSTAR, EU MESMO EM ALGUMA EPOCA DEI MINHA CONTRIBUIÇÃO A ESSE TRABALHO COMUNITÁRIO.*
- 25.E.R.L.L. *todos da academia de porto estamos ansiosos por esse trabalho que tenho certeza que se transformará em belo livro sobre nossa cidade, parabéns*
- 26.Edith Lotufo *Agradeço por todos os comentários, um grande incentivo para mim. Quem sabe nossos diálogos neste grupo viram um capítulo do meu trabalho!? “O que as imagens fazem suscitar”, já que minha pesquisa é feita na Arte e Cultura Visual.*
- 27.R.B. *Belo trabalho, amiga Edith Lotufo!! Os portugueses se sentirão honrados em rever o registro dessa bela e frutífera época!!*
- 28.F.F.C. *Como é bom ver as fotos da Dra. Heloisa e Dr. Eduardo Manzano, dois incansáveis trabalhadores da saúde, que tão jovens promissores vieram de S. Paulo, para radicarem em uma região sofrida, isolada, mas ali implantaram um belo serviço de saúde, regionalizado, reconhecido pela OMS, alguns não souberam valorizar esse trabalho. Parabéns para estes heróis!*
- 29.M.S. *sempre tão lindos juntos... Admiro muito ela, parece tão frágil agora mais está em todos os eventos, sempre muito amável!*
- 30.L.M. *Lindo casal!!*
- 31.L.L. *Que interessante !!*
- 32.E.F. *PARABÉNS CASAL 20. T.N.*
- 33.R.B. *Casal admirável e atuante*  
(FACEBOOK, 2014)

Citei acima todos os comentários para retratar a diversidade das reações que diferentes pessoas expressaram falando da mesma imagem.

Quero chamar a atenção para meu comentário 2 onde disse: *no colo da Dona Maria nosso filho André*. Tenho por costume identificar os nomes das pessoas nas fotos antigas que venho postando no facebook como uma forma de homenagem, o que eu fiz desta vez também, mesmo acreditando que ninguém dos integrantes do grupo conhecesse essa senhora.

No comentário 16, porém, tive a surpresa de saber que seu filho fazia parte do grupo e viu a foto de sua mãe, já falecida, na imagem que dava destaque maior para o casal de médicos. Ao ver a foto ele não havia percebido que era eu a responsável pela postagem. No comentário seguinte (17), ele se mostrou indignado por eu não ter falado de sua mãe.

Quando dirigi um comentário a ele fazendo referência a minha postagem 2 e reconhecendo o papel importante que sua mãe e sua tia, ambas já falecidas, haviam desempenhado no movimento comunitário e expus a intenção do meu projeto de pesquisa, encontrei nele um interlocutor valioso com memória nítida daquele tempo.

Outra situação me chamou a atenção quando no comentário 13 uma pessoa reconheceu um menino como sendo filho de uma senhora, parente do atual governador do estado e que fazia parte do movimento comunitário naquela época. Possivelmente ele não gostaria de se ver associado a um evento da COMSAÚDE, já que o governador tem sistematicamente perseguido a equipe da ONG e dificultado os trabalhos em seu anterior e no atual mandato. Um dos comentários (28) faz referência a estes problemas quando fala de forma cuidadosa “alguns não souberam valorizar esse trabalho”.

O fato de ter poucos comentários que fazem referência ao trabalho da COMSAÚDE é significativo também, já que a foto é do aniversário de dez anos de uma ONG que está completando quarenta e cinco anos de atuação marcante na cidade. São este e outros detalhes, aparentemente insignificantes, que instigam para conversas mais aprofundadas.

Que tipo de interação é esta das redes sociais? Que papéis assumem as pessoas nestes encontros? Qual a importância das imagens nestas situações?

Kerry Freedman (2006) traz uma discussão de John Thompson de como as pessoas interagem com a informação na sociedade contemporânea, trazendo como referência um texto publicado em 1994.

A interação face a face é a relação dialógica entre pessoas no mesmo espaço e tempo. A interação mediada também é dialógica, mas depende da forma de mediação entre pessoas que não estão no mesmo lugar, como telefonemas ou cartas. A quase-interação mediada é monológica e envolve a transmissão de mão única da informação através do tempo e do espaço. Transportadores de imagens, como livros, filmes e televisão, assim como a arte, possibilitam essa terceira forma de interação. As quase-interações mediadas envolvem um público amplo e não requerem resposta. (FREEDMAN, 2006, p.138)

Mesmo que essa discussão se refira à mídia em geral e não analise contatos em redes sociais, as formas de interação que este autor define podem ajudar numa reflexão sobre contatos no espaço virtual, inclusive para mostrar que os conceitos e as categorias não dão conta de explicar novas formas de comunicação que vão mudando num espaço curto de tempo.

Se analisarmos os comentários em torno da imagem acima, enquanto interação, a partir dos conceitos de Thompson, podemos ver que acontecem diálogos, mas não

acontecem no mesmo espaço nem no mesmo tempo, portanto não são face a face. São diálogos cheios de atravessamentos. Acontecem diversos mal entendidos na leitura dos comentários porque as “falas” não vêm acompanhadas com entonação de voz nem de expressão facial; dúvidas ou críticas permanecem no ar ao alcance de todos, até que uma resposta possa amenizar um mal estar criado, sendo que diálogos entre duas pessoas acontecem mescladas com reações de outros, o que num encontro pessoal ocorreriam de forma diferente.

Podemos chamar esta interação de mediada, porque depende da forma de mediação entre pessoas que não estão no mesmo lugar, mas são diferentes de telefonemas ou de cartas. No telefonema ainda temos o som da voz e acontece uma troca direta de comentários. Já em cartas temos o remetente e a pessoa à qual se dirige o conteúdo. Existe um tempo de ida e volta da informação, impostos pela dinâmica do envio da correspondência.

Nas redes sociais “compartilhamos” informações em forma de imagens e textos com nossos “amigos”, numa interação mediada, que só será dialógica, se diversas condicionantes estiverem coincidindo. As pessoas teriam que acessar as mensagens com uma frequência similar, se sentir de alguma forma tocadas pelas imagens para curti-las ou se identificar a tal ponto de querer compartilhá-las com outro círculo de pessoas. Quem se comunica com o grupo de pessoas espera uma resposta direta e tira conclusões sobre o nível de impacto que sua “postagem” causou.

Podem surgir divergências e estranhamentos que, quando não são esclarecidos podem causar impactos negativos sobre as pessoas envolvidas e fazer estremecer as “amizades”.

Percebo o conceito de interação mediada como limitado para as dinâmicas que acontecem em encontros na rede, no meu caso reencontros com algumas pessoas que não vejo há muito tempo. A interação descrita teve ramificações em forma de conversas on-line e troca de e-mails, já não visíveis para todo mundo, preservando a privacidade da troca de informações e opiniões.

O exemplo apresentado acima é um entre vários de imagens compartilhadas no citado grupo, das quais algumas levantaram mais e outras menos questionamentos.

Ficou claro para mim que estas interações são fugazes, voláteis, marcadas pela dinâmica da “atualidade” que uma determinada imagem tem, para logo sair do foco. Por outro lado pude ver quem do grupo se interessa em saber mais dessa história o que ampliou o leque de pessoas com quem pretendo conversar pessoalmente. Com certeza tem muito mais gente envolvida e interessada nessa ressignificação de memórias do que eu havia imaginado.

As circunstâncias em que se dão esses encontros me permitem experiências que provavelmente não irão se repetir da mesma forma.

Isso me faz lembrar as palavras de Larrosa Bondía:

“...posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode nem pré-ver nem pré-dizer.” (LARROSA BONDÍA, 2002, p.28)

Da mesma forma que me disponho a entrar em contato com as diversas memórias vejo a necessidade de me manter aberta para imprevistos que a própria vida impõe.

## Reencontros comigo mesma

Um estímulo para minha aproximação com o passado encontro na leitura de um dos últimos livros escritos por Paulo Freire (2011), “Pedagogia da Esperança”, publicado pela primeira vez em 1992, em que ele se propôs a um reencontro com o livro “Pedagogia do Oprimido”, escrito em 1969 e publicado em português bem mais tarde.

Freire fala que fazia o exercício de pensar e repensar suas relações *com e no* contexto original, quando morava como exilado em outros países. Entendo essa expressão como um convite para que eu aprofunde a pergunta sobre minha origem, qual foi esse espaço-tempo que eu deixei e qual foi o que me acolheu. Ele disse:

“Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós...” (FREIRE, 2011, p.45)

Olhar minha trajetória de vida e relacioná-la com meu objeto de pesquisa se impõe como uma necessidade que encontro na cultura visual. Sinto-me convidada por Hernandez (2011) para um deslocamento do olhar, para que meu discurso não assuma uma forma cronológica linear e supostamente objetiva.

“A cultura visual, quando se refere à educação, pode se articular como um cruzamento de relatos em rizoma (sem uma ordem pré-estabelecida) que permite indagar sobre as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre cada um de nós,...o que nos leva a explorar as fontes das quais se nutre não apenas nossa maneira de ver/olhar, mas os significados que fazemos nossos, e que formam parte de outros relatos e referências culturais.” (HERNANDEZ, 2011, p.34)



Preciso esclarecer a partir de onde falo hoje, quais eram meus sistemas de explicação e de atribuição de significado na época em questão, quais meus contextos culturais e como eu me via e via as pessoas quando as encontrei naquela época, como essa visão foi mudando com o tempo e como vejo esse período hoje.

Minhas interações na rede deixaram bem claro que me relaciono com pessoas de Porto Nacional que encontro mais no facebook do que pessoalmente, de forma distinta.

Sinto me muito próxima dos filhos de uma artesã, jovem na época, que passou a assumir o papel de assessora junto à associação dos artesãos. Essa pessoa muito querida por mim e por todos do grupo faleceu muito nova, deixando dois filhos pequenos. Conheci os dois, um filho e uma filha, mais de perto na sua adolescência e mantive contatos constantes com eles nas minhas visitas a Porto Nacional, por e-mail e mais recentemente pelo facebook.

O filho da artesã se formou em psicologia e fez uma pesquisa sobre um trabalho desenvolvido pela COMSAÚDE nos últimos anos como bonecas de para num mestrado em psicologia social.

Já a filha estudou na Itália numa área de desenvolvimento social e cultural internacional. Tenho compartilhado fotos antigas que mostram sua mãe e tivemos um encontro pessoal estimulado por estas imagens. Vejo que ela se mostra muito interessada em tudo que eu tenho compartilhado na rede social sobre projetos culturais interessantes no Brasil, contribuindo com que ela possa, à distância, compor uma perspectiva para um futuro trabalho no Brasil. São contatos que me dão a satisfação de ver que novas abordagens surgem a partir de experiências anteriores vividas.

Venho mantendo contato no facebook com um professor da UFT que conheci ainda criança em um dos bairros da cidade, onde seu pai era presidente do centro comunitário. Os poucos contatos pessoais que tivemos ainda não foram suficientes para conversarmos sobre as memórias que guardamos daquele tempo, mas ajudaram a fazer transparecer uma base em comum para diálogos pessoais numa próxima visita.

Assim me vejo na rede social amiga e mentora de jovens, colega de professores e pesquisadores e referência em termos de arquivo e patrimônio para outros.

A rede social permite conhecer um pouco das pessoas da forma que elas estão dispostas a se revelarem. Compomos um perfil de nós mesmos quando compartilhamos fotografias e outras informações e damos abertura para diálogos a partir dessa nossa auto apresentação.

É importante questionarmos as intenções das comunicações abertas para grupos que se configuram a partir de diferentes aproximações e que, às vezes, se interessam e se identificam mas também podem ser de opinião contrária ou detestar um determinado comunicado, principalmente quando se trata de posições políticas contrárias.

Enquanto professora acredito que meus compartilhamentos têm, entre outras funções, um papel educativo. Meu propósito em publicar fotos na “comunidade virtual” de Porto Nacional tem sido de inserir imagens de artesãos e de suas situações de trabalho num contexto onde a cultura popular não era vista como fazendo parte do patrimônio imaterial da cidade e provocar com isso discussões a respeito das visualidades populares, mesmo que de forma não sistemática.

Na leitura de textos de Flávia Bastos (2010), de Ana Mae Barbosa (2010), Leda Guimarães (2011) e Ivone Richter (2003) percebo o quanto minha visão sobre as diversas realidades nas quais atuei e atuo é influenciada pelo pensamento de Paulo Freire, o que me aproxima dessas autoras pelas referências e citações de Freire encontradas em seus textos.

Minha posição de acreditar que somos capazes de contribuir com processos transformadores centrados nos sujeitos e que através da nossa mediação podemos ajudar a desenvolver capacidades, consciência e autonomia em pessoas de diversas comunidades e simultaneamente em nós mesmas, me coloca em diálogo com as autoras citadas acima.

Vejo-me agora diante da tarefa de conectar fios soltos, desenrolar novelos embaraçados e construir uma narrativa, um discurso ou formas de visualização de contextos complexos e relações intersubjetivas atravessadas de “perturbamentos do supostamente familiar” (BASTOS, 2010).

Minhas interações na rede social se constituem em momentos de deslocamento do olhar que me ajudam a propor encontros pessoais mais significativos no processo de pesquisa.

Marco aqui o momento de interrupção das minhas reflexões, impulsionadas pela dinâmica de um processo que me trouxe diferentes percepções e novas indagações.

## **Bibliografia**

AGUIRRE, I. Cultura Visual, Política da Estética e Educação Emancipadora. In: MARTINS, R. TOURINHO, I. *Educação da Cultura Visual: Conceitos e Contextos*. Editora UFSM, 2011. p. (69 a 111)

BASTOS, F.M. C. O perturbamento do familiar: Uma Proposta Teórica para a Arte-Educação Baseada na Comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *O ensino contemporâneo de arte: Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.2006.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte-educação contemporânea : consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação (RBE)*, Rio de Janeiro, ANPED, N° 19, Jan-Abril, 2002, p.20-28.

F A C E B O O K : <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=631814063534260&set=gm.681685778559757&type=1&theater> (Acesso em 02.04.2014)

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: Representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *O ensino contemporâneo de arte: Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.2006.

FREIRE, Paulo. *A Educação como prática da liberdade*. 2ª. Ed., São Paulo, Paz e Terra, 1969.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 6ª.Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, Leda. *Arte e Cultura Popular. Série GTArtes, Módulo 25*, Brasília 2011

HERNANDEZ, F. A Cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R. TOURINHO, I. *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Editora UFSM, 2011. pp. (31 a 49.)

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. *Educação da Cultura Visual - conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Sana Maria, 2011.

---

## Minicurriculo

Edith Lotufo é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, Especialista em Docência Universitária pela PUC Goiás, graduada e licenciada em Artes Visuais pela Universidade de Kassel na Alemanha. É professora da PUC Goiás desde 1989.